



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
INGLESA**

YULLY KAROLINA DOS SANTOS DE SOUSA

**A RELAÇÃO DA LITERATURA E A PSICANÁLISE NO ROMANCE *A COR
PÚRPURA***

**GUARABIRA
2020**

YULLY KAROLINA DOS SANTOS DE SOUSA

**A RELAÇÃO DA LITERATURA E A PSICANÁLISE NO ROMANCE A COR
PÚRPURA**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725r Sousa, Yully Karolina dos Santos de.

A relação da literatura e a psicanálise no romance A Cor Púrpura [manuscrito] / Yully Karolina dos Santos de Sousa. - 2020.

42 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025. "Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz, Departamento de Letras - CH. "

1. Amor. 2. Literatura. 3. Psicanálise. 4. Romance Epistolar. I. Título

21. ed. CDD 801.92

YULLY KAROLINA DOS SANTOS DE SOUSA

A RELAÇÃO DA LITERATURA E À PSICANÁLISE NO ROMANCE A COR PÚRPURA

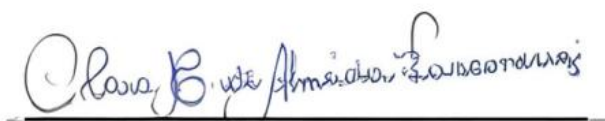
Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura, Discurso e Psicanálise

Aprovada em: 08 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)



Prof. Dr. José Vilian Mangueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que me apoiaram nessa jornada acadêmica, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de graça, pela dádiva da vida, pela inteligência que me foi confiada e pela misteriosa teia de acontecimentos que me conduziu até este momento. Que a minha gratidão se traduza em atitudes de amor e serviço, pois reconheço que Seu olhar generoso me acompanhou em cada madrugada de estudo, em cada pausa para o café, em cada livro emprestado, em cada sorriso inesperado que restabeleceu minha esperança.

Quando minhas forças pareciam se esgotar, bastou-me fechar os olhos e, em silêncio, sentir a paz que excede todo entendimento — uma lembrança de que não caminho só e de que os planos divinos, ainda que ocultos, superam em benevolência qualquer roteiro que eu pudesse traçar.

À minha família, meu núcleo de sentido. Ao meu pai, Ivonaldo, exemplo de trabalho diligente e amor silencioso, que segurou firme o leme quando os ventos da vida se tornaram incertos e nunca hesitou em investir, não apenas recursos materiais, mas palavras de encorajamento capazes de reacender minha chama interior. À minha mãe, Maria José, cuja ternura firme é abrigo contra qualquer tempestade. Seu colo, mesmo quando longe, torna-se refúgio intangível que converte medo em coragem.

Às minhas irmãs, Nayane e Noemy, que acrescentam cor, riso e leveza às horas cinzentas, lembrando-me de que o verdadeiro aprendizado também se faz de afeto e partilha. Ao meu primo Hugo, espécie rara de farol familiar, cuja trajetória profissional me norteia, inspira e serve como modelo. Vê-lo me faz sonhar grande sem perder a simplicidade.

Ao meu namorado, André, companheiro de jornada e inspiração diária. Você traduziu em gestos aquilo que as palavras não alcançam: a arte de apoiar. Nos dias de entusiasmo, celebrou comigo; nas noites de insegurança, ancorou meu coração; nos impasses metodológicos, foi luz criativa. Se hoje esta meta se concretiza, é em parte

porque suas mãos sustentaram as minhas. Que este agradecimento perpassasse o tempo como eco da admiração que nutro pela sua sabedoria, paciência e fé no meu potencial.

Ao professor e orientador Rafael Braz, mentor que uniu rigor acadêmico a olhar humano. Se este trabalho ganhou densidade crítica, foi porque suas perguntas jamais se contentaram com respostas rasas. Aprendi que orientar é, antes de tudo, confiar; e o senhor confiou. Obrigada pelo tempo que poderia ter sido descanso, mas se tornou dedicação. Obrigada por ensinar-me que “impossível” é apenas uma barreira semântica quando a curiosidade encontra disciplina.

Às professoras Clara Mayara e Villian Manguiera, por provarem que o conhecimento floresce onde há empatia. Clara, seus conselhos, às vezes sussurrados no corredor, tornaram-se pilares nos quais me apoiei. Villian, seu exemplo afirmou que excelência acadêmica não exclui gentileza; ao contrário, a potencializa. Levo comigo cada apontamento, cada livro indicado, cada sorriso compartilhado.

Aos funcionários da biblioteca, em especial Dona Cleonice, guardiã silenciosa de saberes, que com paciência me ajudou a encontrar edições raras e sempre tinha uma palavra amiga pronta para aliviar a tensão das vésperas de entrega. Aos técnicos de laboratório, aos secretários dos departamentos, às equipes de limpeza que chegam antes de todos e saem depois, deixando o campus pronto para recomeços diários — meu respeito e reconhecimento. Sem o trabalho discreto de vocês, a engrenagem universitária simplesmente pararia e eu estagnaria.

Aos autores que jamais conhecerão meu rosto, mas moldaram meu pensamento: cada parágrafo lido foi um diálogo imaginário que ampliou minha visão de mundo. Caminhei pelos corredores da história, da filosofia, da ciência, sempre acompanhada de mentes curiosas que atravessam séculos. Que minha produção acadêmica também possa, um dia, servir de degrau para outros, contribuindo com informações e inspiração.

Às amigas tecidas nesse percurso acadêmico — poucas no número, imensas no significado. Taísa, obrigada por transformar a rotina em aventura intelectual, por dividir referências bibliográficas e sobremesas em proporções quase iguais.

Aos demais colegas de classe, cada debate, cada trabalho em grupo, cada piada partilhada diante de prazos apertados deixou cicatrizes doces de cumplicidade. Carrego em mim um mosaico de vozes, ideias e risadas que jamais se apagará.

Sou grata, ainda, às experiências que me desafiaram: a vida caótica que testou minha pontualidade, os arquivos corrompidos que exigiram resiliência, as noites mal dormidas em que aprendi, na marra, a administrar o tempo. A gratidão não ignora a dificuldade; ela a ressignifica. Como escreveu Sêneca, “dificuldades fortalecem a mente, assim como o trabalho endurece o corpo”. Que cada contratempo vivido se converta em sabedoria para jornadas futuras e alicerces para o sucesso.

Que eu jamais me esqueça de que o valor de uma conquista não reside apenas no aplauso final, mas na metamorfose silenciosa que opera em nosso interior enquanto caminhamos. E que, ao virar a página desta etapa, eu saiba retribuir: oferecendo minha voz, meu trabalho e meu afeto àqueles que cruzarem meu caminho.

Por vezes, me pego pensando em como cada pequeno acontecimento da vida — até mesmo os que à primeira vista pareceram triviais ou desafiadores — colaborou para que eu chegasse até aqui. Um encontro inesperado, uma conversa rápida no corredor, um “sim” dito com hesitação, uma decepção que me empurrou para novos rumos... tudo, de alguma forma, compôs o caminho que me trouxe a este Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço por cada desvio, por cada silêncio, por cada obstáculo e por cada oportunidade, pois compreendo agora que todos eles foram peças essenciais de um quebra-cabeça maior, que se encaixaram com precisão para formar o cenário deste momento. Sou grata pela complexidade da vida e pela sabedoria contida em seus desígnios. Nada foi por acaso — e reconhecer isso é, para mim, a mais pura forma de gratidão.

A todos vocês, nomeados ou não, presentes ou já distantes, meu muito obrigada. Se este texto existe, é porque cada um de vocês escreveu, em alguma medida, mesmo que mínima, as suas linhas invisíveis nas margens do meu ser. A todos vocês, nomeados ou não, presentes ou já distantes, meu muito obrigada. Se este texto existe, é porque cada um de vocês escreveu, em alguma medida, mesmo que mínima, as suas linhas invisíveis nas margens do meu ser. Foram sorrisos discretos, conselhos rápidos, abraços apertados e até silêncios solidários que, somados, deram forma à coragem e à perseverança que me

conduziram até aqui, provando que as histórias mais significativas são sempre escritas a muitas mãos. Como já dizia o poeta, “é preciso uma aldeia inteira para criar um ser humano”. E a minha aldeia foi maravilhosa. Muito obrigada!

“Por que você é o que é, seu futuro será feliz e brilhante” (ALICE WALKER, 1986, 272).

RESUMO

A publicação da obra *A cor púrpura*, um romance epistolar, de Alice Walker, lançada originalmente em 1982, foi uma importante contribuição na afirmação e reconhecimento da literatura feminina negra. Assim, esse trabalho de monografia teve como objetivo traçar uma crítica psicanalítica sobre as nuances e as bases da obra literária em questão. Uma vez que esse ramo da psicanálise nos propicia uma leitura interpretativa, nos baseamos nesse método qualitativo. Desse modo, focamos nossa análise sobre o amor apresentado entre as irmãs protagonistas, Celie e Nettie. As duas apresentam tragédias como parte do enredo que as envolve. Abusadas, discriminadas e separadas, elas compartilharam cartas como último recurso de conexão até um esperado reencontro. Ao longo de todos os eventos citados, o sentimento de amor mútuo se faz presente, em determinados momentos esse amor transcende a retórica e se demonstra em ações, entregas para evitar a dor alheia. O amor então se torna o sentido e impulso para que ambas sintam-se felizes uma na outra.

Palavras-Chave: Amor. Literatura. Psicanálise. Romance Epistolar.

ABSTRACT

The publication of Alice Walker's "The color purple", also an epistolary novel, originally launched in 1982, was an important contribution to the affirmation and recognition of black female literature. Thus, this monograph work aimed to draw a psychoanalytic critique on the nuances and bases of the literary work in question. Since this branch of psychoanalysis provides us with an interpretive reading, we are based on this qualitative method. Therefore, we focus our analysis on the love presented between the protagonists, Celie and Nettie. Both present tragedies as part of the plot that surrounds them. Abused, discriminated and separated, they shared letters as a last resort of connection until an expected reunion. Throughout all the aforementioned events, the feeling of mutual love is present, at certain times that love transcends rhetoric and is shown in actions, deliveries to avoid the pain of others. Love then becomes the sense and impulse so that both feel happy in each other.

Keywords: Love. Literature. Psychoanalysis. Epistolary novel.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	UMA CARTA E UM PAPO COM DEUS.....	15
2.1	<i>Alice Walker: mais que uma voz negra.....</i>	15
2.2	<i>Walker e seu romance epistolar.....</i>	18
3	NO DIVÃ: UMA VOZ DA NEGRITUDE.....	23
3.1	<i>O lugar de fala do feminino</i>	23
3.2	<i>Da Literatura à Psicanálise.....</i>	26
4	TODOS OS AMORES TÊM UM COR.....	32
4.1	<i>A cor do amor púrpura.....</i>	32
5	CONCLUSÃO	41
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A literatura usa da palavra para podermos externar no mundo ficcional as nossas expressões exteriorizadas pelos nossos sentimentos e dar voz ao nosso interdito. É nela, onde podemos transformar sofrimentos, lutas e tragédias em expressões, um lugar pelo qual damos voz aos nossos sonhos.

Embora seja um lugar de expressões poéticas ficcionais, que dá poder e voz aos sentimentos, as personagens femininas enfrentaram várias lutas para conquistarem seu espaço e lugar na literatura, principalmente, escrita por mulheres. As autoras não tinham oportunidade no âmbito literário, mas através de suas lutas, conseguiram inserir a representatividade feminina nesse meio que antes era mais representado por homens. Podemos, assim, dar relevância social e racial a obra *A cor púrpura* (1986) de Alice Walker.

A cor púrpura (1986) foi publicada pela primeira vez em 28 de março de 1982, em inglês, ganhando um dos maiores prêmios já conquistados por mulheres, até então, o prêmio Pulitzer em 1983. O livro supracitado narra, através de trocas de cartas, o cotidiano da vida das personagens Celie e Nettie. As duas irmãs tiveram destinos tortuosos, desde a sua infância sofreram com duras trajetórias de vida, foram separadas e viveram sonhando em se reencontrar. Para tanto, passaram a vida escrevendo cartas, dirigidas a Deus e uma a outra. Um tema recorrente nos diálogos epistolares era a realidade enfrentada pelas mulheres e, mais especificamente, as mulheres negras daquela época.

Adicionalmente, em paralelo ao enredo particular das irmãs, o plano de fundo da obra retrata o cotidiano da mulher negra, representando o feminino negro e o ativismo feminista. A obra traz um plano temático pautado em cenas de: abuso, sofrimento, opressão, racismo, preconceito, religião e paixão.

Para este trabalho de conclusão de curso - TCC - selecionamos a obra *A cor púrpura* (1986), de Alice Walker observando as protagonistas Nettie e Celie, tendo esta última seu destino traçado como uma fatalidade em sua vida, tendo em vista que tudo que aconteceu na sua vida foi obra do destino. Uma menina que foi transformada em mulher, ainda criança, sem sabedoria e conhecimento, vivendo uma vida trágica e solitária, se conforta em sua fé, ao escrever cartas a Deus.

Justificamos essa pesquisa, pois, a mesma propicia espaço e representatividade para as mulheres negras, que viveram por muito tempo sendo silenciadas. Abordamos no livro as representações femininas, a opressão e as lutas impostas pela sociedade, com a finalidade de entender o papel do amor frente a todo este panorama.

Nesta linha de pensamento, essa monografia de conclusão de curso (TCC) objetivou realizar um estudo analítico sobre o Amor entre irmãs a respeito da obra *A cor púrpura* (1986) da autora Alice Walker, baseado à luz da psicanálise em torno das personagens femininas, as irmãs Nettie e Celie, negras que foram separadas, sem direito a voz.

Desse modo, os objetivos específicos desse trabalho são: 1-) compreender a relação entre a literatura e a psicanálise através de um romance epistolar; 2-) debater as relações pessoais, sociais e aspirações que permeiam o feminino negro; 3-) interpretar o papel do amor à luz da psicanálise.

Nessa perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, que tem como método analítico interpretativo, buscando inserir nesse contexto um despertar e interesse em desenvolver uma interpretação acerca da vida dos personagens representados na obra *A cor púrpura* (1986) com base na psicanálise. Sendo essa pesquisa de caráter qualitativo.

As temáticas e abordagens aqui apresentadas estão fundamentadas em diversas obras renomadas. Quando foi tratado a respeito da relação entre a literatura e a psicanálise utilizamos como base os textos de Green (2002), Bonnici e Zolin (2009), Kehl (2009) e Meneses (2015). Por sua vez, quando foi tratado do lugar de fala do feminino negro foram utilizados os textos de Bonnici e Zolin (2009) e Ribeiro (2017). Em relação às definições de romance epistolar foram utilizadas como base os textos Bouvet (2006), Moisés (2004), Gomes (2005) e Bakhtin (1997). Como fundamento para dialogar sobre o amor foi utilizados os textos de Rougemont e colaboradores (1939), Lebrun e Rouanet (2009). Como fundamento que permeia todas as temáticas utilizamos o livro *A cor púrpura* (WALKER 1986).

Nosso texto se encontra estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo, intitulado *Uma carta e um papo com Deus* tece algumas considerações sobre a vida e a obra da autora do livro *A cor púrpura* (1986). O segundo capítulo nomeado - *no divã: uma voz da negritude* - aborda a fala do feminino negro, suas dificuldades, sua importância, a voz literária e os nuances psicanalíticos associados. O terceiro capítulo chamado - *Todos os amores tem uma cor* - tece sobre o *corpus* de análise dessa pesquisa de TCC.

Todas as temáticas expostas e abordadas são de extrema relevância acadêmica e, também, social, pois trazem à tona uma autora e assuntos atemporais. Socialmente, a relevância se dá por informar, gerar reflexão e conscientização sobre as problemáticas que afetam a nossa sociedade, como a discriminação em suas variadas esferas.

2 UMA CARTA E UM PAPO COM DEUS

Esse capítulo está dividido em dois subcapítulos. O primeiro aborda aspectos biográficos da autora Alice Walker, nos apresentando um pouco da sua história e das suas obras. O segundo, por sua vez, expressa uma breve definição acerca de romances epistolares.

2.1 Alice Walker: mais que uma voz negra

Em 09 de fevereiro de 1944, no estado da Geórgia, em Eatonton nos Estados Unidos, nascia Alice Malsenior Walker, filha de um casal de classe renda baixa. Sua mãe, Minnie Lou Tallulah Grantque, era costureira e seu pai, Willie Lee Walker, agricultor. Walker cresceu numa cidade rural, pertencente a uma família de afro-americana.

Aos 8 anos de idade, Walker sofreu um acidente e perdeu a visão do olho direito e, com isso, decidiu se dedicar e imergir no mundo da leitura e da escrita com dedicação. Conseguiu se destacar entre alunos da escola que estudava e, logo, conquistou e ganhou bolsas de estudos.

No ano de 1961, ganhou uma bolsa integral na Spelman College, onde ingressou como estudante em uma escola para mulheres negras, a qual ela deu início a participação de movimentos sociais demonstrando o seu interesse em participar de tais movimentos.

Enquanto estudava na Spelman College, ela conheceu um dos maiores líderes negros: Mather Luther King, um pastor batista, que tinha como principal objetivo lutar contra a discriminação racial, e que, com seu exemplo, a fez se tornar uma grande ativista defensora dos direitos civis.

Com o passar do tempo, Alice transferiu seus estudos para Nova York e foi estudar Sarah Lawrence College, que foi onde ela deu continuidade aos seus projetos de estudos e desenvolveu movimentos em defesa pelos direitos civis.

Romancista, contista, poetisa, ensaísta, feminista e ativista, Alice representou com muita propriedade mulheres negras em sua época. Em suas obras, seus objetivos estavam em discutir sobre identidade negra, feminismo, questões políticas e sociais, trazendo à tona reflexões contraditórias sobre do sofrimento e prazer a respeito das mulheres.

Em 1983, Alice teve um destaque e marco de grande importância em sua carreira, ao lançar o romance *A cor púrpura* (1986), pois aos 39 anos ganhou o prêmio Pulitzer, principal

premiação da literatura mundial, trazendo esse prêmio como uma grande conquista para as mulheres negras, às quais representava.

A cor púrpura conta a história de Celie, uma mulher negra e analfabeta, que sofre, desde a sua infância mal tratos e abusos praticados pelo seu próprio pai, que escreve Cartas a Deus como forma de desabafo contando todo sofrimento e solidão, tendo fé e esperança ansiando por dias melhores. Por amor a Nethie, Celie faz de tudo para ajudar a sua irmã a não passar pelo sofrimento vivenciado por ela, buscando ajuda-la a ir embora, almejando o melhor para sua irmã, com esperanças de um dia poder viverem juntas, livres e em paz.

Esse romance é de grande importância na carreira de Alice Walker, pois trouxe consigo muitas críticas e discussões, principalmente, por emitir uma imagem negativa dos homens negros daquela época, tendo em vista que ela conta abusos sofridos pela protagonista da história por seu pai e marido.

A cor púrpura, em 1986 foi adaptada para o cinema por Steven Spielberg com um gênero cinematográfico de drama, que conta a história de Celia com cenas fortes e marcantes, a respeito de tudo aquilo vivenciado por ela. Enfatizando, racismo, escravidão, opressão, abusos, tudo aquilo que mulheres sofriam naquela época, tornando público e ganhando voz.

Alice Walker teve grande importância na literatura feminina, mulher negra, ativista e feminista, a qual representava todas as mulheres negras da sua época, mesmo tendo lugar de fala e presente no cânone literário, suas temáticas trabalhadas foram rejeitadas pelo cânone durante muito tempo. Conforme Ribeiro (2017), afirma que:

À teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. Com isso, pretende-se também refutar uma pretensa universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar, com o discurso autorizado único, que se pretende universal. Busca se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, p. 69-70)

Após o sucesso de sua obra – *A cor púrpura* (1986), Walker produziu outros universos poéticos ficcionais seguindo a mesma estrutura temática apresentada em nesta, assim faremos um passeio em outras obras dessa autora que produziu as seguintes obras:

Na década de 80, ela produz os romances: *Ninguém segura essa mulher* (1987), é uma obra que expõe momentos de amargura e triunfos na vida das mulheres, condições vivenciadas e espaços conquistados por elas; já no romance *Vivendo pelas palavras* (1988), a autora faz uma meditação a respeito dos problemas relacionados com a ecologia, feminismo, racismo e política, descrevendo experiências pessoais em vários níveis.

Partindo para década de 1990, Alice Walker encanta seus leitores com as obras que merece destaque: *O templo dos meus familiares* (1990) que narra a história de três casamentos. Um casamento formado por professores, a mulher se torna massagista que tentam se aproximar, e ao mesmo tempo desapegar dos meios sociais. O segundo casamento constituído por um astro do rock e sua mulher refugiada, que se separam por causa de outra mulher. E, por último, o terceiro casamento, formado por um pintor e sua esposa, que estão juntos há tanto tempo virtualmente que são trocados.

No final da década de 90, lança a ficção *De amor e desespero: histórias de mulheres negras* (1998) que retrata mulheres negras, com experiências que se diferem mas unidas por suas vulnerabilidades da vida.

No século XXI, destacamos *Rompendo o silêncio* (2011) que descreve impressões colhidas a respeito de informações que foram colhidas a viagens dos umbrais dos infernos: A Ruanda e ao Congo em 2006, convidada para se encontrar com sobreviventes do genocídio desses países, que eram assolados por conflitos e guerras, envolvendo homens e mulheres simples que tiveram seu cotidiano afetado sendo inculpáveis.

As obras selecionadas para esta biodata supranarradas, anteriormente, são obras de importante contribuição a carreira da escritora Alice Walker, suas obras tratam diretamente a respeito da vivência das mulheres e todas suas lutas, representando através de seus escritos toda forma de opressão, preconceito e sofrimento.

Suas obras representam lugares de fala para todas as pessoas que se sentem representados pela escritora, que traziam em suas obras histórias reais e/ou ficcionais, mas com uma finalidade de exibir experiências ou exemplos de vida, que tais pessoas podem ou já experimentaram.

A escritora, Alice Walker, é autora escolhida para ser objeto de estudo nesse trabalho por representar as mulheres de forma única e vigorosa, trazendo em suas obras discussões e reflexões importantes acerca da vida das mulheres negras naquela época. É, de suma importância, nesse trabalho dar o lugar de fala para essa mulher negra e de grande importância na história da literatura e ter o privilégio de tê-la como objeto de estudo.

2.2 Walker e seu romance epistolar

É pior do que isso, eu penso. Se eu tivesse interrada, num tinha que trabalhar. Mas eu só disse, Num importa, num importa, enquanto eu puder escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa. Mas eu só tinha uma coisa pra dar pra ela, o nome do Reverendo... Eu falei pra ela procurar a mulher dele. Quem sabe ela podia ajudar. Ela foi a única mulher com dinheiro que eu já vi. Eu falei, Escreve. Ela falou, Que foi? Eu falei, Escreve. Ela falou, Só a morte pode fazer eu num escrever procê. Ela nunca escreveu. (WALKER, 1986, P. 29)

O significado da palavra carta é definido por como “uma comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; missiva e epístola” (FERREIRA, 2010). Sendo essa a função simples da carta, de modo geral, um manuscrito responsável por enviar a alguém com uma mensagem comunicativa.

A carta, sendo ela definida também como uma correspondência, possui esse espaço de comunicação direta ao ser desejado, sendo ela um enunciado de gênero de discurso primário (simples), ela pode vir a ser de variadas formas, trazendo consigo esse poder de aproximação pela escrita, que vem a ser definida como a escrita epistolar, ela transmite a sua mensagem de forma escrita, com fortes traços da oralidade.

Definir a carta como comunicação é sem dúvida dar uma definição insuficiente, não é levar em conta a dinâmica que a sustenta, mas essa definição tem a propriedade de cortar como comunicação à distância em oposição à comunicação pessoal, direta, face a face. O que a letra perde na expressão gestual e interativa, ganha em sua capacidade de autonomia e distanciamento.¹ (BOUVET, 2006 p. 24). – *tradução livre da autora da pesquisa*

Neste sentido, a carta vai além da sua definição, não sendo apenas uma correspondência, ela possui essa ferramenta de aproximação, sendo ela expressiva. Mesmo sem ter uma aproximação carnal, oral, através do seu enunciado e escrita, ela consegue expressar o que quer ser dito, com extrema profundidade. Possuindo uma relação escrita com o outro, interpessoal, com autonomia e individualidade, ela é destacada em meio aos gêneros discursivos, principalmente por sua linguagem pessoal, direta e simples, definida como epistolar, trazendo assim características do seu estilo em seu todo.

A esse respeito, Bakhtin (1997, p.279) define que “a utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e úmidos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da utilização humana.” O enunciado é caracterizado por condições e finalidades específicas de vivência, destacando não somente sua ideia central, como também

¹ Definir la carta como comunicación es sin duda dar una definición insuficiente, es no tomar en cuenta la dinámica que la sostiene, pero esta definición tiene la propiedad de recortar la comunicación a distancia en oposición a la comunicación personal, directa, frente a frente. Lo que la carta pierde en expresión gestual e interactiva lo gana en su capacidad de autonomía y de distanciamiento. (BOUVET, 2006 p. 24).

toda a sua composição e estilo. Sendo o enunciado dividido em três partes (conteúdo temático, estilo e construção composicional), sabendo-se assim quais partes são necessárias para a formação de um enunciado.

Desse modo, sendo a carta um enunciado oral e escrito, definido como um gênero de discurso primário, o qual é marcado por sua heterogeneidade, e possuir uma linguagem de comunicação espontânea, é essencial citarmos que quando o processo de formação do gênero secundário (romance, teatro) inicia-se ele absorve e transmuta os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, tendo uma comunicação mais complexo, e uma escrita diferenciada, como por exemplo: cultural e artística, facilitando assim a compreensão da mensagem, através da comunicação natural (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Para tanto, com o inter-relacionamento dos gêneros de discurso primários (carta) e secundários (romance), os primários, ao se relacionar com os secundários são transformados e tende a perder a sua ligação com a realidade existente, ou seja, a sua naturalidade, deste modo para que se consista a sua essência, só se é possível pelo romance. O romance como um todo, é o único gênero secundário que consegue manter a ligação com a realidade, ou seja, a carta só é possível extrair seu sentido real pelo romance. Isso reflete o caráter camaleônico do romance, um gênero capaz de transforma-se em gêneros correlatos.

Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo). (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Em seu estudo, Gomes (2004) afirma que o interesse acerca de gêneros escritos tem tido um aumento relevante no mundo literário, a escrita de si, que é tipo de texto subjetivo, que busca revelar dimensões íntimas e profundas. Como ela cita, exemplos dessa escrita envolvem: Correspondência, diários, biografias e autobiografias, os quais tem sido um alvo para os leitores. A carta, por exemplo, é um tipo de escrita de si, onde você tende a vir a ser leitor e escritor. E ela, pode vir a ser escrita por qualquer pessoa, não somente por literatos, justamente por sua linguagem simples. Ao longo da história do Brasil, podemos citar como exemplo às cartas que foram escritas por Luiz Carlos Prestes quando esteve preso, contando

todo o seu tormento na prisão, como também é encontrado nas Sagradas Escrituras as cartas de Paulo deixando direcionamentos para as igrejas, e outro exemplo a ser citado são as cartas escritas diariamente por/para um familiar, por/para um namorado, por/para um amigo, ratificando assim que o ato de escrever cartas está ao alcance de quem desejar.

Nesse sentido, o teórico propõe que a escrita de cartas tende a reproduzir expressões, direcionadas para alguém, com isso possui características de escritas, como a escrita de si e a escrita epistolar, que tendem a vir caracterizadas com sua linguagem natural e simples. A escrita epistolar, por exemplo, é a escrita predominante nas cartas, ela caracteriza automaticamente uma troca mútua entre enviar e receber cartas, sendo uma prática relacional, a qual fornece em meio às cartas um estreitamento de vínculos nas relações pessoais.

Isso ocorre em sentido duplo, tanto porque se confia ao “outro” uma série de informações e sentimentos íntimos, quando porque cabe a quem lê, e não a quem escreve (o autor/editor), a decisão de preservar o registro. A ideia de pacto epistolar segue essa lógica, pois envolve receber, ler, responder, e guardar cartas. (GOMES, 2004, p. 19).

Com isso, o vocábulo epístola, que notoriamente compõe a definição do que vem a ser escrita epistolar possui definições em várias vertentes, segundo Móises (2004, p. 160) no dicionário de termos literários, epístola significa além de cartas, escritos endereçados aos apóstolos, como por exemplo, a Epístola aos Coríntios de S. Paulo. Como também significava para os romanos, um poema direcionado a alguém, com linguagem cotidiana, tratando de assuntos variados tais como filosóficos, literários, políticos, morais entre outros. A epístola literária em prosa ou carta literária é contemplada desde os primórdios, mas somente alcançou espaço por volta do século XVII quando foram se desenvolvendo os serviços postais.

Para tanto, a prática da escrita epistolar em contraste com a literatura está relacionada com a forma de improviso que ela permite, a expressão direta e natural, com sua simplicidade permite uma facilidade de compreensão, como em uma conversa, não sendo apenas uma comunicação, mas uma prática de escrever. Sua discriminação consiste principalmente em manter a mesma tensão que as pessoas possuem pessoalmente em seus relacionamentos na carta em meio ao distanciamento da escritura.

A epistolar, portanto, não é apenas um gesto de comunicação, mas também de escrita. A especificidade da escrita epistolar consiste em manter o espaço das relações vividas e o horizonte de um vínculo imaginário aberto à distância pelo que se escreve na mesma tensão. Escrever na solidão é palavra de comunicação, mas também lampejo de sinais onde o literário pode emergir. ² (BOUVET, 2006, p. 25).
– tradução livre da autora da pesquisa

² *Lo epistolar no es entonces sólo un gesto de comunicación sino también un gesto de escritura. La especificidad de la escritura epistolar consiste en mantener en una misma tensión el espacio de las relaciones vividas y el horizonte de un lazo Imaginario abierto en la distancia por lo escrito. Escritura en soledad, ella es*

Em seu estudo, Bouvet (2006) classifica a escrita epistolar como a maior escrita de intimidade, paradoxalmente, e com isso através dela é revelada uma expressão dos sentimentos. Configurada assim como uma escrita usada em cartas de amor, a qual é submetida a uma gramática, estética e retórica, e que possui um elemento obrigatório que vem a ser caracterizado pela monotonia, sendo assim, a carta de amor possui um discurso epistolar amoroso que, no entanto, fala apenas de amor.

Nesse sentido, o teórico propõe que para a carta de amor é necessário o uso do imaginário para imaginar como será a cena da sua recepção, quais serão os sentimentos revelados ao ler e de que forma ela será lida, por outro lado também assim imaginando exibição da cena de como ela foi escrita, é um exercício do imaginário que permite imaginar essas cenas.

O amor à escrita não é marcado pelo desejo de originalidade; pelo contrário, a repetição de lugares comuns é oferecida como "prova de amor", assim como a desordem e a repetição de palavras. Visto que a prova do amor é "simbólica" (no sentido de que falamos de uma retribuição simbólica), nunca é suficiente para satisfazer a demanda de amor. Os fenômenos retóricos de repetição, recomeço, variação e ritmo analítico voluntário traduzem a renovação perpétua do sentimento e qualificam as expressões. Estereótipos, clichês, balbucios, abusos e pulos de assunto, que simulam o correr da caneta, criam tons de espontaneidade para avivar o afeto e mostrar sinceridade. "Ele não pode ser reticente", deve abundar em "Eu te amo" e "Eu te beijo", diz Abadi. O amor tal como está escrito difere do amor tal como é falado ou vivido, o amante torna-se poeta, abre-se ao lirismo da paixão; à sua medida, a prática epistolar experimenta uma escrita no sentido literário da palavra. Talvez mais do que qualquer outra, a carta de amor é repetição. As recorrências temáticas instalam um determinismo do já vivido que dá sentido ao acúmulo disperso de repetições. Aqueles que mantêm relações epistolares têm uma consciência relativa de serem prisioneiros de viagens já trilhadas, de obsessões mentais ou mesmo deliberadamente piegas) Essas repetições revelam uma temporalidade epistolar peculiar que se inscreve na troca de ecos, as esperas, as antecipações e a obsessão, alimentadas pelo sentimento amoroso, enfrentando o passar do presente sem a presença do ente querido. Como o amor, a correspondência de memória não imagina que pode com um dia e por ela antes, entram em uma eternidade de relacionamentos. Assim, as cartas de armadura tornam-se uma combinação de perspectivas e perspectivas.³ (BOUVET, 2006, p. 93).

palabra de comunicación pero también fulguración de signos donde lo literario puede surgir. (BOUVET, 2006, p. 25).

³ *La escritura amorosa no está signada por el deseo de originalidad; por el contrario, la repetición de lugares comunes es ofrecida como "prueba de amor", lo mismo que el desorden y la reiteración de palabras. Como la prueba de amor es "simbólica" (en el sentido en que hablamos de una retribución simbólica), nunca es bastante para satisfacer la demanda de amor. Los fenómenos retóricos de repetición, recomienzo, variación y ritmo voluntariamente analítico traducen la perpetua renovación del sentimiento y matizan las expresiones. Estereotipos, clisés, balbuceos, atropellos y saltos de tema, que simulan el correr de la pluma, crean tonos de espontaneidad para avivar el afecto y mostrar sinceridad. "No puede ser reticente", debe abundar en "te amo" y "te beso" dice Abadi. El amor tal como se escribe es diferente del amor tal como se habla o tal como se vive, el amante se hace poeta, se abre al lirismo de la pasión; a su medida, la práctica epistolar experimenta una escritura en el sentido literario de la palabra. Quizá más que ninguna otra, la carta de amor es repetición. Las*

Com isso, ao analisar a obra *A cor púrpura* de Alice Walker (1986), pode-se observar ao longo da obra a presença das cartas e da escrita epistolar, sendo assim definido como um romance epistolar, o qual diante das definições citadas acima, podemos identificar o romance epistolar como a união dos gêneros discursivos, a carta e o romance, que juntos se integram a realidade e por meio da escrita epistolar, espontânea e natural compõe o romance epistolar.

É notório, ao ler a obra de Walker (1986), observar as cartas trocadas entre as personagens Celie e Nettie que, ao longo de suas trajetórias, são obrigadas a viverem longe uma da outra, e a única forma de se conectar é através das cartas. As cartas de amor, as quais são reveladas os sentimentos, expressando o amor uma pela outra e contando acerca de tudo que elas vivenciam, tornando essa escrita uma forma de aproximação em meio a distância acometida por elas. Como visto no trecho de Walker (1986):

Querida Celie, Eu fico pensando que ainda é cedo demais pra esperar uma carta sua. Eu sei o tanto que você está ocupada com todas essas crianças do Sinhô. Mas eu tenho tantas saudades de você. Por favor, me escreva assim que você tiver uma chance. Todo dia eu penso em você. Cada minuto. A senhora que você conheceu na cidade se chama Corrine. A menininha se chama Olivia. O marido é Samuel. O nome do menino é Adam. Eles são religiosos praticantes e me tratam muito bem. Vivem numa boa casa ao lado da igreja onde o Samuel prega, e nós passamos muitas horas cuidando das coisas da igreja. Eu digo “nós” porque eles sempre procuram me incluir em tudo que fazem assim eu não me sinto tão deixada de lado e sozinha. Mas, meu Deus, Celie, como sinto tua falta! Eu penso naquela vez que você se entregou por mim. Eu amo você com todo meu coração. Sua irmã, Nettie. (WALKER, 1986, p. 146)

Nesta carta de amor, escrita de Nettie para Celie, observa-se a linguagem espontânea que Nettie usa para escrever para sua irmã, ou seja, a escrita epistolar, contando detalhes do que ela tem vivenciado, de toda sua realidade no momento, assim conseguindo fazer essa aproximação com a irmã através da sua linguagem, e ao mesmo tempo ela revela a respeito de seus sentimentos, do quanto ama sua irmã, e o quanto sente saudades, do quanto pensa nela, expressando o mais profundo amor por sua irmã, com tanta naturalidade que o leitor se convence e se envolve pela veracidade da carta.

recurrencias temáticas instalan un determinismo de lo ya vivi do que da sentido a la acumulación dispersa de repeticiones. Quié nes mantienen relaciones epistolares tienen una relativa conciencia de ser prisioneros de recorridos ya tamlares, de obsesiones mentales o alectivas incluso deliberadamente cursis). Estas repeticiones ponen en evidencia a peculiar temporalidad epistolar que se inscribe en el intercambio los ecos. las osperas, las anticipaciones y la obsesión, avivada por el sentimiento amoroso, frente al transcurso del presente sin la presencia del amado. Como el amor la correspondencia memoria no imagina que pueda con un día y por la los antes entran en una eternidad de relaciones Así las cartas amorosas se vuelven comonación de prospectiva y retrospectivas.

3 NO DIVÃ: UMA VOZ DA NEGRITUDE

Neste capítulo encontra-se dividido em duas partes: A primeira parte, item 3.1 mostra as dificuldades encontradas por mulheres negras ao longo do tempo no campo literário, entre outros, e como elas tem ocupado seu espaço apesar dos desafios. A segunda seção apresenta um panorama a respeito de como a literatura se relaciona com a psicanálise, expressando o inconsciente. Esses dois subcapítulos nos dão embasamento para interpretar a obra *A cor púrpura* (1986).

3.1. O lugar de fala do feminino

Historicamente, a sociedade tem imposto desafios e dificuldades preconceituosas, sobretudo, em relação à mulher negra. Na antiguidade, muitas foram às lutas das mulheres para serem inseridas em meio à sociedade, com condições iguais aos homens, sabendo-se que o patriarcalismo sempre estava à frente e acima de tudo e todos. Elas, muitas vezes, se submetiam à escravidão ou a um casamento forçado, eram vistas apenas como um “útero” e, logo, deviam cumprir um papel político social, determinado pelo poder maior que era dos homens. Desse modo, abriam mão de seus sonhos ou prazeres por falta de oportunidades.

Em meados de 1970, a história das mulheres passou por um momento de grande importância, a publicação da tese de doutorado de Kate Millet, *Sexual Politics*, deu maior voz ao movimento feminista. Ela assumia o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal e, com o passar do tempo, foi detectado através de estudos que a experiência da mulher como leitora e escritora no âmbito literário era diferente do que se já tinha definido pelos homens.

Após esse passo inicial dando por Kate Millet, as mulheres começaram a ser vistas como críticas e inseridas na sociedade da literatura aos poucos. Teve, então, início o movimento da crítica literária feminista, que é a prática das mulheres como leitoras e escritoras, que trabalha em desconstruir um paradigma que é a oposição entre homens e mulheres associadas a este processo, conforme Zolin (2005), afirma:

Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumento os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista, implica em investigar o modo pelo qual texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos (as) escritores (as) em relação às convenções sociais, que historicamente, tem aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos.” (ZOLIN, 2005, p. 182).

Esse movimento também foi embasado por diversas autoras, mulheres escritoras com argumentos que se diferem defendendo vários pontos acerca do feminismo, crítica feminista e do que se constitui, entre elas se destacam o feminismo como: Virginia Wolf, o feminismo existencialista de Simone de Behaviour, o feminismo político de Kate Millet, como também diferentes tendências de críticas feministas.

Muitas foram as batalhas das mulheres ao longo do século 19, pela busca da igualdade legislativa em relação aos homens, a valorização de seus trabalhos no âmbito literário, o direito ao voto, e após lutas enfrentadas por mulheres, conseguiram vencer várias etapas e começaram a ser reconhecidas e valorizadas. Neste movimento, a literatura feminista foi essencial.

A literatura de autoria feminina sempre foi algo excluído e invisível para os homens, acometido pelo patriarcalismo, somente homens eram críticos, assim sem dar espaço para as mulheres no âmbito literário, mas com o passar do tempo, as mulheres foram ganhando seu espaço, e nasceu uma tradição ignorada, a literatura de autoria feminina. De acordo Zolin (2005):

Tomando como elemento norteador da bandeira do feminismo, e, portanto, a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historização, que se constituiu como resistência á ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 2005, p. 275).

Com isso, a literatura feminina foi ganhando seu espaço e iniciando um processo de pós-estruturalismo, diante de toda a literatura que já havia sido publicada, por homens, críticas de autoria masculina, que consistia apenas na visão deles, sem dar espaço para uma crítica que diferenciava daquilo que eles concordavam ou não, ou do seu imaginável, textos masculinos contanto historias de personagens femininas.

Mesmo com o avanço das mulheres como críticas, passaram por muitos obstáculos naquela época, sem muita visibilidade, e sendo excluídas de todo o espaço da literatura, deram pontapés iniciais, a começarem tornando-se editoras, críticas com um novo formato de visão acerca da literatura, com novos discursos, trazendo críticas reais baseado não somente em contos imaginários mas sim, a realidade de vidas femininas.

Em meio a todo processo que acontecia, as mulheres cada vez mais ganharam voz e vez, ainda assim, era pouco para a maioria que dominava ali. Um exemplo a ser citado é o cânone literário, que era um exemplar de obras de conjunto com obras primas, escritas somente por homens, brancos e ricos, e por ser historicizado, que poderia observar-se apenas um valor estético para aquela época, e as mulheres por sua vez sendo uma minoria excluída,

não tinham espaço para ocupar aquele exemplar. Com isso, as mulheres promoveram uma inovação no campo da literatura, com uma perspectiva diferenciada e engrandecedora, foram construindo seus espaços e seus novos discursos relacionados a tudo aquilo que já era acostumado se ver e ouvir.

Após tudo o que passaram, as mulheres conseguiram alcançar um espaço no âmbito social e cabe a cada mulher exigir seu espaço e reconhecimento, tendo a oportunidade de com todo vigor conquistar seu espaço na literatura e sociedade com liberdade de expressão.

A literatura de autoria feminina/crítica feminista é constituída em versões e olhares diferentes, mas existem quatro enfoques principais de escritas feministas, quais são: O biológico, o linguístico psicanalítico e o político cultural, como também são divididas em duas críticas principais, dentro da teoria feminista, como crítica anglo americana e crítica francesa. Cada uma defendendo pontos e focos diferentes (ZOLIN, 2005).

Numa fase posterior a essa, preocupada essencialmente em desmascarar a misoginia da prática literária, a crítica feminista expandiu-se segundo outros direcionamentos ao invés de se ocupar dos textos masculinos, passou a investigar a literatura feita por mulheres, enfatizando quatro enfoques principais: o biológico e linguístico, o psicanalítico e o político-cultural.

Tais enfoques emergem da ênfase dada a certos aspectos, em detrimento de outros. Mas todos são constituídos a partir da ideia básica do pensamento feminista: desnudar os fundamentos culturais das construções de gênero (opondo-se as perspectivas essencialistas e ontológicas dos estudos que abordam a questão da mulher) e promover a derrocada das bases da dominação de um gênero sobre outro (ZOLIN, 2005 p. 191).

Como citado acima, a literatura de autoria feminina é dividida em enfoques de escritas diferentes que estão interligados, o primeiro sendo ele o enfoque biológico que é visto pelo lado masculino e machista como sendo a mulher apenas que nasceu para ser mãe e dona do lar, sem direitos a espaço na sociedade como eles tem, e destinada desde o seu próprio nascimento a seguir esse caminho, como também, é citado o lado feminista que defende a versão da mulher como um ser superior por todas as qualidades e natureza atribuídas a elas, como forma de um ser superior, por ter dons atribuídos que homens não tem, argumentando contra todo e qualquer preconceito dos homens.

O segundo enfoque, linguístico ou textual, foca na área de aprofundamento linguístico. Esse campo investiga se há diferenças em uma linguagem escrita por gêneros masculinos e femininos, com o intuito de revolucionar e criar uma linguagem feminina.

O enfoque psicanalítico, por sua vez, é voltado para o foco da essência da mulher, do eu, e de tudo que seja atribuído a ela, possa vir a enriquecer a literatura feminina. Por outro lado tem o enfoque político-cultural que argumenta e questiona se a experiência ou condições da mulher são favoráveis a serem inseridas na sociedade.

Com isso, podemos perceber que o processo de literatura feminina ainda passa por um conflito, em pontos e argumentos defendidos de versões diferentes, cada um com sua especificidade e focos distintos.

Há, também, duas grandes vertentes na crítica feminista, uma é a anglo-americana, que defende a ginocrítica que é baseado no argumento que defende a mulher como escritora de sua própria realidade, com obras de sua autoria, formulando um discurso novo, baseado na escrita das mulheres como um pós-estruturalismo, diferente de tudo que já se é ofertado sendo assim defende o enfoque cultural como o melhor tipo de escrita, pois dentro dele pode-se atingir a sociedade com uma escrita a qual envolve todos os outros enfoques em um só objetivo, como também argumenta na ideia que todo e qualquer estilo de vida oferecido pela mulher devem ser exclusivos e aceitos (ZOLIN, 2005).

Já a crítica feminista na versão francesa, defende o enfoque linguístico e psicanalítico, que defende a ideia de aprofundamento em pesquisas que trabalham na ideia de encontrar, em qualquer texto no âmbito literário, identificar uma possível linguagem feminina, mesmo que tenha sido escrito por gêneros masculinos. Constituem a ideia que você decide que gênero você será ao longo de sua vida, e o que você destituirá o seu gênero/sexo. Tendo a liberdade de se identificar como homem ou mulher, críticos.

Com isso, podemos afirmar que a literatura de autoria feminina, apresenta várias versões e pontos argumentativos que diferem entre si, mas que caminham no mesmo sentido, o reconhecimento e crescimento de seus trabalhos sendo aceito em meio à sociedade (ZOLIN, 2005).

2.2 Da Literatura à Psicanálise

“Onde quer que um homem sonhe, poetize ou profetize, outro se ergue para interpretar” — essa tirada de Paul Ricoeur, já nos dá uma primeira entrada para uma reflexão sobre as relações instigantes entre literatura e psicanálise, entre a literatura e o inconsciente (MESESES, 2015, p. 291).

A literatura e a psicanálise se complementam, as duas estão ligadas por meio da interpretação e do que conseguem juntas extrair deste processo, pois, por exemplo, ao se interpretar um sonho através do processo da psicanálise literária é possível se extrair algum sentindo real. Ademais, literatura e psicanálise se conectam por esta encontrar naquela um traço importante que é o da linguagem e, também, por encontrarmos na literatura alguns conceitos vistos pela psicanálise, como por exemplo, o complexo de Édipo.

Nesse sentido, a literatura e a psicanálise realizam o processo da leitura do humano, ou seja, buscam entender sua história, suas relações interculturais e o corpo como um todo. Essa leitura do humano é feita por ambos levando em consideração o conhecimento do indivíduo e do meio cultural que esteja inserido. Através desse processo, podemos entender que estas ciências são um meio de estudar a forma de humanização.

Deste modo, o inconsciente é a parte mais importante da psicanálise, é através do inconsciente que todo processo psicanalítico acontece, assim, ele é o principal campo de estudo da psicanálise, e é através de sonhos e fantasias da mente humana que acontece o despertar desse inconsciente. Com o intuito interpretativo, é na literatura e na psicanálise que se encontram os mecanismos para sua interpretação.

Meneses (2015 p. 293) afirma que “com muita propriedade, nos revela que o inconsciente pode ser atemporal, mas as “formações do inconsciente” (dentre as quais avultam os sonhos e os chistes) são altamente historicizadas, culturais”. Assim, O inconsciente, que é o despertar do imaginário, transforma o imaginário em realidade, ele revela os sentimentos, desejos da alma, expõe tudo que está interdito, interno, e através da literatura torna real esse inconsciente.

Como mencionado, tudo na área da psicanálise e da literatura é uma questão interpretativa, e para que se possa realizar essa interpretação, a literatura e psicanálise lidam com a exegese. Compreendemos a exegese como significado, revelar o mais minucioso, detalhes de uma palavra e que faz parte da interpretação hermenêutica, que tem como objetivo interpretação dos textos de difícil leitura, de textos específicos, como por exemplo, textos filosóficos, é o meio interpretativo o qual os analistas e críticos, hermeneutas, utilizam.

O papel da hermenêutica nesse tipo de abordagem é o da interpretação, ou seja, extrair o sentido das palavras, de revelar o que não é dito diretamente no texto, o interdito que traz um sentido, uma significância, um mistério, que cabe a hermenêutica decifrá-lo.

A hermenêutica e a psicanálise estão interligadas, pois, para que possa executar a prática psicanalítica na interpretação de um texto é necessário o uso da abordagem hermenêutica, pois é através dela que consegue ser revelado o mais profundo do texto, consegue-se captar um sentido, e as intenções reveladas pelo autor.

Para a realização da interpretação de um texto é necessário levar em consideração vários fatores, como por exemplo, os detalhes, os traços, a linguagem revelada no texto, toda a estética, sendo esses os traços mais importantes para a interpretação. Além disso, na interpretação nada é fixo, ou seja, cada texto lido, por diferentes pessoas, de culturas diferentes, com experiências e conhecimentos diferentes terão interpretações diferentes. Não

há interpretação nenhuma igual a outra, as interpretações estarão sempre em um terreno instável, sempre em inconstância, mudando e sendo mudada, sem metodologias específicas, pois, tudo é uma questão de vivências e experiências. Na ótica de pensamentos de Meneses (2015) aponta que:

Diz Spitz que o ato interpretativo se realiza num movimento circular de conhecimento (mercurial!) entre o detalhe e o conjunto, um vai e um vem, a parte e o todo. Trata-se do “Círculo do conhecimento (“Zirkel in Verstehen”), ou “Círculo Hermenêutico” ou “Círculo de Schleiermacher”: a ideia de que “o conhecimento não se alcança somente por progressão gradual de um a outro detalhe, mas por antecipação ou adivinhação do todo, porque o detalhe só pode ser compreendido em função do todo, e qualquer explicação de um fato particular pressupõe a compreensão do conjunto”. (MENESES, 2015, p. 310)

Neste sentido, revela que tudo faz parte de um conjunto, que pode se chamar de um “Círculo Hermenêutico”, como mencionado, que quer dizer que todo conhecimento depende de uma compreensão antecipada para desvendar o que o texto revela através do cunho interpretativo.

Na psicanálise, esses elementos são usados para efeitos interpretativos, pois tudo é questão de interpretação, tais elementos são utilizados para analisar, para entender os fins do texto literário e quais serão seus efeitos a respeito da prática psicanalítica. Estes são os terapêuticos, analíticos e interpretativos.

O papel da palavra terapêutico na psicanálise tem como intenção a terapia, e como se seguirá essas terapias através da psicanálise? São utilizadas técnicas, através das palavras, as palavras ditas que têm efeitos terapêuticos para quem está ouvindo, que tratam o psicológico e chegam a curá-las.

A cura por meio das palavras é uma atividade intercultural, utilizada inclusive por indígenas, como no caso da cura xamanística, que é um tipo de canto, identificado por canto do xamã, que tem o poder de manipulação psicológica.

No capítulo “A Eficácia Simbólica” de seu livro *Antropologia Estrutural* um procedimento dos índios Cuna do Panamá, por ocasião dos partos difíceis: o xamã canta para a mulher grávida, diz palavras ao seu ouvido, e assim o nascimento da criança é facilitado. Trata-se, como observa o antropólogo, “de uma medicação puramente psicológica, uma vez que o xamã não toca no corpo da paciente, nem lhe administra remédios; mas, ao mesmo tempo, é colocado diretamente e explicitamente em causa o estado patológico e seu centro: diríamos antes que o canto constitui uma manipulação psicológica do órgão doente, e que é desta manipulação que a cura é esperada”. Manipulação psicológica: metáfora expressiva para o processo psicanalítico. Mas, continua Lévy-Strauss: diz ele que o xamã fornece à sua doente uma linguagem: “E é a passagem a esta expressão verbal (que permite, ao mesmo tempo, viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência atual, mas sem isso, anárquica e inefável) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência da qual a doente sofre o desenvolvimento” (MENESES, 2015, p. 314)

Por outro lado, há o método analítico-interpretativo. Este, dentro da psicanálise, é o responsável por analisar cada parte do texto, verificar formações, problemas, palavras dentre outros. É responsável por toda formação técnica de um texto, é através da prática analítica que se consegue observar tudo o que há em um texto literário, pois de acordo com Souza (2005, p. 207), “existem algumas categorias que devem ser ressaltados no processo analítico, como por exemplo o enigma, a detecção, o desejo do saber, e a interpretação dos signos, são esses os fatores que compõe um processo analítico”.

O processo interpretativo, por sua vez, é aquele que mais impacta o campo da psicanálise, pois é justamente o utilizado para entender de qual cunho e natureza é o texto. Assim, esse processo interpreta a essência do texto, buscando elucidar suas funções, palavras, e onde se quer chegar através do texto. É por meio do método interpretativo que o interprete identifica seu estilo, época, simbologia, ratificando que a interpretação estará sempre em um estado multável, no qual cada pessoa terá suas próprias interpretações e convicções a respeito do texto e em decorrência de suas experiências de vida.

Com isso, dentro desse campo de interpretações, interpretações literárias e interpretações psicanalíticas, há também uma área, a qual na psicanálise tem como objeto de estudo, que é a crítica psicanalítica, esta é especificamente interpretativa e realizada por um crítico (leitor e escritor).

A crítica psicanalítica é uma abordagem teórica, na qual, é necessário ter um conhecimento antecipado sobre literatura e psicanálise, entender suas histórias, origem, tipos de escrita. Ela tem como metodologia uma leitura interpretativa, de cunho hermenêutico, com intenções clínicas e terapêuticas.

Para a realização da crítica psicanalítica deve se saber que ela é uma crítica limitada, e é necessário o uso do inconsciente, ou seja, não se realiza uma crítica psicanalítica sem a psicanálise, uma esta interligada na outra, e tem em comum o mesmo objeto de estudo: o inconsciente, e para a realização de tal abordagem em um texto é necessário que o crítico revele quais são as suas intenções mediante aquele texto.

Souza (2005, p. 214 *apud* Bergez, 1996; Tadié 1987) afirma que “Charles Mauron foi o primeiro autor a sistematizar a crítica psicanalítica, ele criou o termo *psicocrítica*, para sublinhar a autonomia de um método que forja sua própria instrumentalização em razões de seus objetivos que são as produções estéticas”. O mesmo explica em sua tese os quatro tempos do seu método: as superposições, a exposição de figuras, o mito pessoal e o estudo de

dados biográficos, elementos os quais dão embasamento em sua sistematização na crítica psicanalítica.

Podemos afirmar que na psicanálise há diversos caminhos de interpretações, as quais são específicas, que se relacionam e são necessários para a realização do uso da psicanálise quanto da crítica psicanalítica, pois todo o resultado se tem diretamente através de seus diferentes métodos de interpretações.

É importante ressaltar que permeando qualquer um destes processos psicanalíticos, literários e interpretativos está o inconsciente e os sentimentos intrínsecos a ele. Qualquer um destes processos deve observar no inconsciente e na zona de pensamentos, desejos e os domínios das paixões. Através das zonas das paixões, são revelados os sentimentos principais da vida, dentre eles o amor.

A psicanálise e o amor se relacionam por meio de um só caminho: O inconsciente, ele que é uma espécie de arquivo secreto. É nele que está sendo revelados os sentimentos, mas é nele também que não se sabe expressar os sentimentos, ele faz uma bagunça na cabeça dos seres humanos e só consegue ajustar com as experiências de vida. O inconsciente realiza as fantasias das paixões e através dele que se encontram os mecanismos de canalizações de desejos, mecanismos de repressão e renúncia, pois de acordo com Kehl (2009):

o amor por sua vez perde suas tonalidades cristãs que exige o rebaixamento do erotismo em nome da santidade em união, que exige a fidelidade e a obediência mútua, que propõe o conformismo e a responsabilidade como motivo mais sublime da união – o amor sublime recusa tudo isso, é amor de escolha e, portanto, amor de liberdade. (KEHL, 2009, p. 555-556)

Diante do exposto, percebemos então que literatura e psicanálise, juntas, compõe a crítica psicanalítica, uma abordagem interpretativa que busca entender os afetos internalizados no inconsciente. Com isso, a interpretação consegue extrair através do nosso imaginário, coisas intangíveis ao nosso olhar.

4 TODOS OS AMORES TÊM UMA COR

4. 1 A cor do amor púrpura

O que é o amor? Ferreira (2010) define o amor como um sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro. Ou ainda, pode ser definido como sentimento relacionado à afeição, amizade, carinho, atração e prazer, oriundos de laços de consanguinidade ou das relações sociais.

Rougemont (2003) afirma que esse sentimento está presente na retórica do homem ao longo do tempo, desenvolvendo uma relação onde o amor influencia a retórica e ela influencia o amor. É do impulso interno do ser humano que nascem o amor e a linguagem que o expressa.

Para Rougemont (2003), o amor e a sua expressão retórica têm acompanhado a evolução e influenciado os povos ao longo do tempo. Essa relação se estabelece na literatura desde os primeiros séculos, onde por vezes o amor é entendido como sagrado e em outras vezes é desconstruída a sua identidade de ideal sentimental. Desse modo, observamos que o amor é um elemento que faz parte das narrativas ao longo do tempo, e ele se configura de diferentes formas em diferentes contextos, à medida que a sociedade vai se modificando, as demandas e o contextos sociais, culturais e históricos também sofrem modificações.

Nessa linha de raciocínio, o amor vem acompanhando a sociedade há séculos, na Grécia antiga os filósofos destacavam três como as principais formas de manifestação amor: Ágape, Eros e Philia. O amor Ágape se caracteriza por sua forma genuína de afeto incondicional; já o amor Eros, por sua vez, é caracterizado pelo romance, paixão e sexo, comum aos relacionamentos amorosos como o namoro; o Philia representa o amor oferecido para amigos e familiares, que tem como representação as relações pessoais recíprocas que visam o bem do próximo.

Na obra *A cor púrpura* (1986), de Alice Walker, notamos a presença das três principais formas de amor destacadas acima e a narrativa se discorre com o desenvolver de tais. Podemos observar o amor Philia na passagem de Walker (1986):

Há tanta coisa para contar para você que eu não sei, realmente por onde começar. E provavelmente você também não vai receber essa carta. Mas se esta conseguir passar, uma coisa eu quero que você saiba, eu amo você e não estou morta. E Olivia está ótima e também o seu filho. Nós todos vamos voltar para casa antes do fim de outro ano. Sua irmã que ama você. Nettie (WALKER 1986, p. 135).

Em relação ao amor Eros, podemos percebê-lo em trechos de Walker (1986) como o destacado abaixo:

Você pode ter adivinhado que eu o amei durante todo esse tempo, mas eu não dava conta. Oh, eu o amava como um irmão e o respeitava como um amigo, mas Celie, agora eu amo de corpo, *como um homem*! Eu amo o seu andar, seu tamanho, sua forma, seu cheiro, o pinchaim de seu cabelo. Eu amo a textura de sua mão. O rosado do seu lábio interior. Eu amo seu grande nariz, eu amo suas sobrancelhas, eu amo seus pés. E eu amo os seus queridos olhos nos quais eu posso ver claramente a vulnerabilidade e a beleza da sua alma (WALKER 1986, p. 261).

O amor ágape, por sua vez, pode ser encontrado nos momentos em que Celie escreve cartas para Deus, revelando sua devoção, confiança e gratidão. De acordo com Walker (1986):

Querido Deus. Queridas estrela, queridas árvores, querido céu, querida gente. Querido tudo. Querido Deus. Obrigada por trazer minha irmã Nettie e nossas criança pra casa. Quem será que vem lá adiante? O Albert perguntou olhando para a estrada. A gente podia ver a poeira levantando (WALKER 1982, p. 312).

Mesmo que os três tipos de amor estejam fortemente presentes no texto, há destaque para um deles, o amor Philia. Essa forma de amor liga as duas irmãs que são as personagens principais do livro, Celie e Nettie, que tem como principal característica buscar o bem recíproco, uma vida de doações em prol da outra. Juntas elas passaram por um processo de luta e sofrimento, tendo destinos modificados que tiveram como maior consequência a separação uma da outra, e uma vida que se baseava na esperança de reencontro e um final feliz. O protagonismo dessa relação baseada no amor Philia pode ser encontrado, por exemplo, nas cartas escritas de uma para a outra, como visto:

Querida Celie. Eu fico pensando que ainda é cedo demais para esperar uma carta sua. Eu sei o tanto que você está ocupada com todas essas crianças do Sinhô. Mas eu tenho tantas saudades de você. Por favor me escreva assim que você tiver uma chance. Todo dia eu penso em você. Cada minuto. A senhora que você conheceu na cidade se chama Corrine. A menininha se chama Olivia. O marido é Samuel. O nome do menino é Adam. Eles são religiosos praticantes e me tratam muito bem. Vivem numa casa ao lado da igreja onde Samuel prega, e nós passamos muitas horas cuidando das coisas da igreja. Eu digo “nós” porque eles sempre tentam me incluir em tudo que fazem, assim eu não me sinto tão deixada de lado, sozinho. Mas, meu Deus, Celie, como sinto sua falta! Eu penso naquela vez que você se entregou por mim. Eu amo você com todo meu coração. Sua irmã Nettie (WALKER 1986, p. 146).

A crítica psicanalítica, como já foi dito, têm como função principal realizar uma leitura de cunho interpretativo, esse processo interpreta a essência do texto. Na obra em questão, é por meio desse método que verificamos que a simbologia principal transmitida por Alice Walker é o amor. Pode se chegar a essa conclusão interpretando as atitudes, escolhas e detalhes por ela revelados em suas cartas.

A crítica psicanalítica é de orientação interpretativa, portanto de cunho hermenêutico e fenomenológico, isto é, procura-se captar um sentido irredutível às intenções reveladas pelo autor, para se chegar a uma essência única de compreensão da obra literária. (SOUZA 2005, p.205).

Dentre todos os amores, cada um se configura de modo diferente pelos desejos e prazeres da alma, e é a paixão que se torna responsável por nortear os afetos despertados no nosso interior, almejando satisfazer os prazeres do ser humano em busca dos amores. Essa paixão que nos impulsiona, pode ser definida como uma propensão forte e duradoura o suficiente para dominar a vida mental, concretizando-se em nossas ações. A palavra paixão, em seu sentido etimológico significa passividade (*pathos*), o *pathos* definido como um fenômeno passivo traz o entendimento que a paixão nos leva a padecer, a ser paciente, a deixar ser movido de acordo com os acontecimentos, se movendo para agir sem ser o agente, e sim o paciente, como um ser mutável, naturalmente se caracterizando pelos movimentos acerca da vida. Como podemos observar de acordo com Lebrun (2009):

Paixão, para nós, é sinônimo de *tendência*- e mesmo de uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental. Ora, é digno de nota que esse significado da palavra *paixão*, traga em sua franja, o sentido etimológico da *passividade* (*paschein, pathos*), sentido lembrado por Descartes no começo do *Tratado das paixões*: “Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de *paixão* relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de *ação* relativamente àquele que faz com que aconteça”. (LEBRUN 2009, p. 12).

Ao longo do romance de Walker (1986) podemos ver exemplos dessa paixão que impulsiona em direção ao amor e ao mesmo tempo lhes torna agentes passivos.

Quando nossa nova mamãe tava duente eu pedi pra ele me pegar invés da Nettie. Mas ele só perguntou de que queu tava falando. Eu falei pra ele queu podia me arrumar pra ele. Eu infiei no meu quarto e voltei usando rabo de cavalo, pena, e um par dos sapato de salto alto da nossa nova mamãe. Ele me bateu porque eu visti como vagabunda, mas fez comigo de toda maneira (WALKER 1986, p. 17).

A paixão desperta em todas as áreas da vida, ela está presente em cada desejo, relação, ações, ela move os afetos contidos, e desde que a paixão é despertada, o nosso corpo reage como uma forma de dominar esses desejos reprimidos, ou seja, a repressão é uma forma de harmonizar os afetos, através dela conseguimos dominar os desejos, pois de acordo com Lebrun (2009):

Se a palavra paixão está solidamente associada a da repressão, é porque já representamos o logos como uma lei, expressa por um mandamento que se dirige a todos, ignorantes ou cultos- por uma injunção tão poderosa que todos os homens (iguais perante Deus e democraticamente iguais) seriam capazes de a compreender pela mesma razão. No fundo, é essa a interpretação legislativa do logos que nos força a pensar toda a paixão como um fator de desvareio e deslize e a considera-la, de roldão, como suspeita e perigosa. Se é necessário pensar o logos como uma lei positiva, então os estoicos estão com a verdade: toda paixão, desde o seu despertar, já infringe a lei que me constitui como um ser razoável, todas as paixões, na sua origem, já me conduzem “para fora de mim mesmo”. Essa condenação das paixões

se dá sem apelação. Tentamos então medir quanto o conceito de *pathos* se encontra alterado (LEBRUN, 2009, p. 21).

A paixão como uma pulsão interna que domina o homem, ela tem o poder de cegar, vindo a ser de modo racional, emocional ou irracional, como uso da razão louca que é o agir inconscientemente, é o deixar dominar-se por ela, como uma doença, e ao contrário da razão louca se tem a razão sábia que age racionalmente, age com sabedoria, sem dar voz às emoções. De acordo com Rouanet (2009):

A razão louca se dá, no registro cognitivo, quando a razão, interagindo com a paixão, deixa-se influenciar, por ela, perdendo a objetividade necessária ao conhecimento e mergulhando na fala consciência, isto é, uma incapacidade mais ou menos durável de conhecer. [...] A razão sábia, interagindo com a paixão, consegue o que a razão louca não consegue: ter acesso ao imparcial. (ROUANET, 2009, p. 517; 524)

A obra *A cor púrpura* (1986), de Alice Walker, romantiza à paixão, configurada com Pathos (fenômeno passivo), uma passividade, vista como uma paixão relacionada a uma figura familiar, a história que se discorre, a cerca do amor entre duas irmãs, Celie e Nettie. A obra gira em torno das duas irmãs negras que moravam com seus pais. Aproveitando-se da vulnerabilidade da mãe enferma, as irmãs Celie e Nettie, passaram a sofrer maus tratos vindos do seu suposto pai. Após a morte de sua mãe, a situação piora, e Celie chega a engravidar como resultado dos abusos de seu pai. Os filhos gerados por Celie foram levados para doação pelo seu pai, enquanto Celie passava por todas as tragédias que ocorriam em sua vida, ela escrevia cartas diariamente para Deus, contando acerca de tudo que passara:

“Ela foi visitar a irmã dela que é doutora em Macon. Me deixou cuidando das criança. Ele nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim. Só falava você vai fazer o que sua mãe num quis. Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e começou a mexer. Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele dentro da minha xoxota. Quando aquilo dueu, eu gritei. Ele começou a me sufocar, dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.” (WALKER 1986, p. 09).

Enquanto Celie estava sofrendo os ataques de seu pai, sua irmã, Nettie foi escolhida para o matrimônio por um homem da região. O Sinhô que a conheceu na igreja pede sua mão em casamento, mas o pai, com olhos maldosos a respeito dela, pensa em mantê-la consigo e oferece a violentada Celie, como maneira de se livrar dela e ficar apenas com Nettie.

Celie, ao imaginar sua irmã dada em casamento, podendo vir a sofrer as mesmas coisas passadas por ela, também se oferece, aproveitando a oportunidade como forma de fugir do seu pai e levar a sua irmã, livrando-a do pai. O Sinhô pensa a respeito, mas logo em seguida aceita a proposta e se casa com Celie. Após o casamento, Nettie foge para morar com sua irmã, como mostra a narrativa:

Ele precisou de toda a primavera, de março até junho para resolver me levar. Eu só pensava era na Nettie. Como ela podia vir comigo se eu casasse com ele, ele tá tão apaixonado por ela. Eu podia imaginar um jeito pra gente fugir. Nós duas, a gente dava duro nos livros da escola da Nettie, porque a gente sabia que tinha que ser esperta pra poder fugir. Eu sei queu num sou nem tão bunita nem tão esperta quanto a Nettie, mas ela falou queu num sou boba (WALKER 1986, p. 19).

Celie casou-se e pensou que teria se livrado do sofrimento que passara com o pai, contudo, na vida casada os abusos sexuais permaneceram e a vida em sofrimento continuou. Vivendo acometida pela opressão e abusos, seguiu em sofrimento, preferindo se entregar ao ver sua irmã tendo que viver situação similar.

Após Celie se casar com o Sinhô, ela descreve que passou todo o dia do seu casamento correndo atrás das crianças que eram filhos do Sinhô. Eles estavam a maltratando e a machucaram. Celie fala que não chorou, resistiu ao sofrimento e fardo desse novo início de vida. Ela relata que na hora de dormir seus pensamentos eram em sua irmã ao imaginar que teria salvo ela dessa condição de vida, desse sofrimento. O que fica evidente na seguinte fala do narrador:

“Eu passei o dia do meu casamento correndo do mínimo mais velho. Ele tem doze anos. A mãe dele morreu nos braços dele e ele num quer nem escutar falar de uma nova mãe. Ele pegou uma pedra e rebentou minha cabeça. O sangue correu todo encima de mim, nos meus peito. O pai dele falou, Num faça isso! Mas foi tudo que ele falou” (WALKER 1986 p.22).

Podemos observar que Celie não se importava com a sua situação, mas sim com a da sua irmã. Celie é movida pela irmã, ela reage, às vezes inconscientemente como sinal de dependência do outro, sua reação se dá pelo fato do que ela sente por sua irmã. Como visto na narrativa:

Eu fiquei lá pensando na Nettie quando ele tava em cima de mim, imaginando se ela tava salva. E depois eu pensei na Docí Avery. Eu sei que o que ele tava fazendo comigo ele fez com a Docí Avery e quem sabe ela gostou. Eu botei meus braço ao redor dele (WALKER 1986, p.22).

Celie sempre coloca sua irmã Nettie em primeiro lugar na sua vida, seus pensamentos e atitudes estão sempre nesse objetivo de proteção e restringir a irmã do mal que ela passara.

Esse sentimento de Celie por sua irmã, o amor, que não pede nada em troca, se entrega e se doa, identificado como o *Pathos*, representando essa passividade, que é movido pelo bem estar do outro, age de forma empática, sofrendo pelo outro. Assim, essa paixão de irmãs, é transformada em um amor sagrado, amor sublime e está movido através das ações humanas, pois desse modo Lebrun (2009):

Deve-se limitar o *Pathos* às ações humanas e pensá-lo como o conteúdo racional essencial presente no ‘eu’ humano, preenchendo e penetrando a alma inteira. “Nada de grande se faz sem paixão.” Nessas famosas palavras de Hegel, paixão não tem o

sentindo que lhe damos na expressão “crime passionai”. A “paixão” de que se trata não é um impulso que nos leva, *malgrado nosso*, a praticar uma ação. “Ela é o que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as condutas. (LEBRUN, 2009, p. 18,19).

Segundo Lebrun (2009), a paixão é o que dá estilo a uma personalidade, uma unidade a todas as condutas, é a paixão que torna profundos os heróis shakespearianos e o *Pathos* que os anima é simples, como o amor de Romeu e Julieta, ou seja, o *Pathos* que está intrínseco na relação de Celie e Nettie sendo ele um amor sublime é um amor que torna a personagem uma sobrevivente, por tudo que já viveu e passou.

Celie, ao escrever uma de suas cartas para Deus, conta um pensamento seu, como na narrativa a seguir:

Eu quase morro quando penso que ela pode casar com alguém como o Sinhô ou acabar se matando na cozinha de uma madame branca. Todo dia ela lê, ela estuda, ela pratica a caligrafia, e tenta fazer a gente pensar. Na maioria dos dias eu tô muito cansada pra pensar. Mas Paciência é o outro nome dela. (WALKER 1986, p.27)

É possível notar o quanto *Pathos* está presente no amor sentindo de Celie pela irmã, quando ela revela em seus pensamentos o interesse e desejo que a irmã jamais passe por tudo que ela passa.

Ao passar do tempo, um dia o Sinhô comunica a Celie que Nettie teria que ir embora, e a partir daí veio a separação das irmãs, Nettie diferente de Celie se alegrou pelo fato da liberdade e se entristeceu ao ver sua irmã em sofrimento, já Celie não aguentava imaginar o fato de ter sua irmã longe, mas ainda assim ela segue firme pela irmã e diz, como consta na narrativa:

Num importa, num importa, enquanto eu puder escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa Mas eu só tinha uma coisa pra dar pra ela, o nome do Reverendo... Eu falei pra ela procurar a mulher dele. Quem sabe ela podia ajudar. Ela foi única mulher com dinheiro que eu já vi. (WALKER 1986 P.29)

Após essa separação, Celie passa a viver sua vida, com todo mau que ela traz consigo, sendo vítima de um destino trágico, que por ele a levou para longe da sua irmã e a ter uma vida cercada de opressão, maus tratos, padecendo, sem ter para onde ir, crendo que Deus há de ouvi-la e com um coração esperançoso a espera de encontrar sua irmã um dia. Seus pensamentos sempre estiveram ligados à sua irmã, era o melhor no qual ela podia estar, se apegar aos pensamentos que a encorajasse a viver. Nettie era para Celie seu lugar de refúgio, e ela vivia em dependência da sua presença. De acordo com a narrativa:

Eu pensei na minha irmã Nettie. Um pensamento tão fundo que me cortou feito uma dor. Alguém pra onde fugir. Parecia bom demais pra durar. Sofia continuou, franzindo a testa. Eu já nem gosto de ir pra cama com ele. Antes quando ele tocava em mim, eu perdia a cabeça. Agora quando ele me toca, eu só num quero ser

incomodada. Quando ele trepa encima de mim, eu penso é assim que ele sempre que ficar. (WALKER 1986, p.79).

Diante de todo o panorama, Nettie, após um tempo, começa a escrever cartas para irmã contando onde estaria. O Sinhô, com raiva por Nettie ter fugido, esconde as cartas, assim, Celie e Nettie ficam sem notícias uma da outra por um longo tempo.

Com o passar dos anos, Celie conhece Docí Avery, mulher quem o Sinhô tinha um relacionamento amoroso. Celie, ao enxergar uma figura amorosa em Docí, desperta uma paixão e passam a se aproximar e viverem essa paixão sendo força e inspiração uma à outra. Docí ajuda Celie a reagir, e a lutar contra a situação na qual ela estava, padecendo em um casamento infeliz, sendo humilhada e vítima da opressão e maus tratos. Com esse apoio mútuo, elas conseguem encontrar as cartas de Nettie, fonte de encorajamento para que Celie e Docí saiam dessa situação.

Finalmente após conseguir acesso às cartas que sua irmã enviava pra ela, lia e relia, atenta a cada palavra dita por sua querida irmã Nettie. Docí, curiosa para saber como era sua irmã, perguntou-lhe e assim Celie descreveu:

Hum, ela falou, parece que um era uma mulherzinha gorda. Como era sua irmã Nettie? Ela perguntou, esperta? Sim, nossa, eu falei. Esperta como ninguém. Lia os jornais quando mal conseguia falar. Fazia desenho como se fosse nada. Falava muito direitinho também. E era meiga. Nunca houve yma minina mais meiga que ela, eu falei. Os olho cheio de doçura. Ela gostava de mim também, eu falei pra Docí. Ela é alta ou baixa? Docí perguntou. Que tipo de vestido ela gosta de usar? Quando é o aniversário dela? Qual é a cor favorita dela? Ela sabe cozinhar? Custurar? E o cabelo dela? Ela queria saber tudo sobre a Nettie. Eu falei tanto que minha voz começou a sumir. Por que você quer saber tanta coisa sobre a Nettie? Eu perguntei. Porque ela é a única pessoa que você já amou, ela falou, além de mim. (WALKER 1986 P. 135)

Ao final de toda essa descrição a respeito da sua irmã, Celie inquieta-se e pergunta o motivo da curiosidade de Docí acerca de Nettie, e Docí revela que tinha esse interesse ao perceber que Nettie era única pessoa a qual Celie já amou na vida, além dela.

Celie passa toda história sentindo na pele o desamor e a pobreza, passa a vida em busca de estar perto da única pessoa que verdadeiramente a ama e a qual ela ama, de juntas encontrar a felicidade plena, baseada no amor que elas sentem.

Nas cartas, Celie descobre também que sua irmã está bem, vivendo na África, foi para lá em uma missão com os pais adotivos dos filhos da própria Celie. Assim, Nettie começa a escrever para ela, tudo o que acontecia com eles, e como estavam vivendo lá. Como na narrativa a seguir:

Eu queria dizer, “Deus” enviou também a irmã e a tia deles, mas não falei. Sim, Celie, os filhos que “Deus” enviou para ele são seus filhos e eles estão sendo criados com muito amor, caridade cristã e consciência de Deus. E agora “Deus” me enviou aqui para olhá-los, protegê-los e amá-los. Cobrimos com todo amor que eu sinto por

você. É um milagre, não é? E sem dúvida impossível para acreditar. Mas por outro lado, se você pode acreditar que estou na África, como estou, você pode acreditar em qualquer outra coisa. Sua irmã, Nettie (WALKER 1986, p. 152).

Agora, em parceria do Docí e ciente de tudo que aconteceu com sua irmã, ela se livra definitivamente do Sinhô, ela o enfrenta, reagindo, usa da sua voz para falar tudo aquilo que sempre ficou silenciado. Ele fica surpreso. Ela vai embora com Docí Avery, as quais vivem uma passagem marcante em suas vidas dominada pela paixão, conseguem se reinventar e reconstruir uma vida. Começa então a costurar calças, sendo reconhecida pela primeira vez, através do seu esforço e valor. De acordo com a narrativa:

Só por cima do meu cadáver, o Sinhô falou.
Se essa é sua vontade, assim será, Docí falou, fria como uma espada.
Sinhô começou a levantar da cadeira, olhou pra Docí, caiu sentado outra vez. Ele olhou pra mim. Eu pensei que finalmente você tava feliz, ele falou. O que está errado agora?
Você é um cão ordinário, é isso que tá errado, eu falei. Já é hora de deixar você e começar a viver. E o seu cadáver será o bom começo que eu preciso.
O que você disse? Ele perguntou. Istatelado (WALKER 1986, p. 222).

Em meio a isso, Celie descobre que seu suposto pai havia morrido, e que ele também não era seu pai biológico, e que a casa da qual ele havia expulsado-as era delas por direito. Celie escreve então uma carta para sua irmã, feliz em contar tudo que ela havia descoberto, que finalmente elas tinham uma casa para chamar de sua, e que elas morariam lá, após a vinda de Nettie.

Enquanto aguardava o retorno de Nettie, Docí e Celie viviam juntas, compartilhando uma vida amorosa. Celie revelou que nunca havia sido tão feliz ao lado de alguém. Contudo, mesmo aparentemente felizes, Docí a troca ao se apaixonar por um rapaz. A mesma vai embora e deixa Celie sozinha, que, por sua vez, se entristece, mas passa a ter seu tempo dedicado ao ofício da costura. Ela recebe o apoio inusitado do Sinhô Albert, após se reencontrarem ao acaso. Ele se demonstrou arrependido pelos atos passados e trata de forma bem diferente, respeitosa, e Celie sendo recíproca conversa com ele e aceita seu apoio de bom grado.

Nettie em uma de suas cartas revelou a Celie que contou para os seus filhos a respeito de quem ela era, a mãe biológica deles. Contou ainda que estavam voltando para casa. Com o passar do tempo, em um determinado dia, Celie estava em sua varanda com Albert e Docí, quando de repente avistou de longe um carro parando e pessoas caminhando em sua direção. Quando ela se dá conta de que era sua irmã com seus filhos, a emoção toma conta, e o amor inunda seu coração. Nettie e Celie se abraçam, choram, com o alívio de finalmente poderem estar juntas. Celie abraça seus filhos, Olivia e Adam, pela primeira vez e conversavam

longamente sobre a África e tudo que haviam passado. Finalmente felizes. De acordo com a narrativa a seguir:

Eu me sinto estranha perto das crianças. Por uma coisa, elas cresceram. E eu vejo que elas pensam que eu e a Nettie e a Docí e o Albert e o Samuel e o Harpo e a Sofia e o Jack e a Odessa somos muito velhos e não sabemos o que tá acontecendo. Mas eu não acho que nós somos velho de jeito nenhum. E a gente tá tão feliz. Pra falar a verdade, eu acho que a gente nunca se sentiu tão jovem assim. Amém. (WALKER 1986, p. 315).

Como desfecho dessa história recheada de tragédias, que se é encarada e movida por um só sentimento: o amor. Elas finalmente se encontram, e tudo fica no devido lugar, como um sonho inimaginável, a união da sua família, amigos, sua irmã amada e seus filhos, o amor como o combustível principal para que tudo isso fosse alcançado.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, foi desenvolvida uma análise de cunho analítica-interpretativa por meio da crítica psicanalítica aplicada a temática do amor entre as irmãs, Nettie e Celie, na obra *A cor púrpura* (1986), de Alice Walker. Partimos da perspectiva de que crítica psicanalítica tem como função à leitura interpretativa, que teve como objeto de estudo do sentimento das paixões. A pesquisa denominada “A relação da literatura e a psicanálise no romance *A cor púrpura*”, apresentou um estudo desenvolvido baseado à luz da psicanálise.

Nossa investigação encontrou-se estruturada em três momentos: No primeiro momento apresentamos todos os conceitos definidos em relação ao assunto que iríamos tratar, toda a base teórica, com informações chaves para dar segmento à investigação do assunto trabalhado, no tocante aos contextos culturais, sociais e históricos.

Já no segundo, apresentamos a literatura e a psicanálise, suas definições e como elas se relacionam. Adicionalmente, tratamos o papel delas na crítica psicanalítica e como é desenvolvida a abordagem da leitura interpretativa. Em paralelo, abordamos o papel da mulher em meio a literatura, suas lutas e conquistas para estabelecer a literatura de autoria feminina em meio a sociedade.

E, por último, a análise do *corpus*, o qual a partir da perspectiva da aplicação da teoria da psicanálise como forma da leitura interpretativa do amor, interpretou as seguintes estruturas presentes na obra *A cor púrpura*: A relação entre Nettie e Celie, o amor (paixão), a busca pelo amor, renúncia e repressão, pois essas estruturas que dão ênfase ao amor, desempenham um papel relevante em se tratando do que o amor nos leva a fazer.

Podemos constatar, por meio da leitura interpretativa através da crítica psicanalítica, como o amor é desenvolvido no decorrer da obra. Assim no romance, os sentimentos, desejos e as fantasias despertadas no inconsciente, materializam-se no amor.

Tendo em vista a linha de raciocínio apresentada, reforçamos ainda mais a ideia de que o amor é o principal combustível, sendo ele usado como ferramenta que move o ser humano e lhes dá esperança.

Assim, em nossa análise conseguimos expor como o sentimento de amor é importante para o entendimento da narrativa, expondo como ele se desenvolve em meio ao relacionamento das personagens. Concluímos então que essa análise traz à tona uma discussão acerca da relação entre a literatura e a psicanálise expondo o amor como o principal sentimento para enfrentar as adversidades impostas às mulheres negras, no caso em questão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEZERRA, J. Biografia de Martin Luther King. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/martin-luther-king/> Acessado em: 25 Agosto 2020.

BOUVET, N. E. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

GOMES, A. C. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

GELEDÉS. Hoje na História, 9 de Fevereiro de 1944, nascia Alice Walker. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-9-de-fevereiro-de-1944-nascia-alice-walker/> Acessado em: 22 Agosto 2020

KEHL, M. R. *A psicanálise e o domínio das paixões*. In: NOVAES, A. **Os sentidos das paixões**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LEBRUM, G. *O conceito da paixão*. In : NOVAES, A. **Os sentidos das paixões**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

MATOS, G. **A importância de Alice Walker para a literatura**. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2020/02/06/livros-de-alice-walker/> Acessado em: 20 de Agosto. 2020

MÓISES, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MENESES, B. A. *Literatura e psicanálise: confrontos*. (Org.) SEDYCIAS, J. **Repensando a teoria Literária Contemporânea**, Recife: UFPE, 2015.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROUGEMONT, D. **História do amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.

ROUNET, S. P. *Razão e paixão*. In: NOVAES, A. **Os sentidos das paixões**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

WALKER, A. **A cor púrpura**. São Paulo: Marco Zero, 1986.

_____. **Ninguém segura essa mulher.** São Paulo: Marco Zero, 1987.

_____. **Vivendo pela palavra.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. **O Templo dos meus familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. **De amor e desespero: histórias de mulheres negras.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Rompendo o silêncio.** Rio de Janeiro: Bertrand brasil, 2011.

ZOLIN, L. O. *Crítica Feminista*. In: BONNICI T.; ZOLIN, L. O. **Teoria literária: abordagens históricas e**, Maringá: Eduem, 2005.